

2 a 9 de outubro de 2020



Por: Rabino Dr. Ruben Sternschein

Significar e ressignificar os símbolos

O judaísmo como um todo e especialmente as festas se compõem de vários rituais, os quais na visão liberal são metáforas ou símbolos, não fins em si mesmos. As velas em si, o vinho em si, os tefilin em si, se desprovidos de sua significação, somente são velas, vinho e cubos pretos com tiras de couro. A contribuição dos rituais encontra-se no que representam: a possibilidade de santificar a experiência do tempo (velas), a alegria ou a possibilidade de transformar naturezas (vinho), a busca pela coerência entre o pensamento, o sentimento e a ação (tefilin). Só quando conectados com suas simbolizações os rituais completam sua função. Para isso é imprescindível revisitar de tempos em tempos nosso encontro significativo com eles. A festa de Sucot é talvez uma das mais repletas de símbolos que convocam essa nossa ressignificação.

As 4 espécies: tod@s somos tod@s

A tradição interpretativa mais conhecida das quatro espécies de sucot as caracteriza pelo sabor, representando o interior das pessoas, isto é a sabedoria ou a emoção, e pelo cheiro representando a ação concreta no mundo exterior. Assim, atribui ao etrog a pessoa que conhece os conteúdos e os significados e que faz acontecer o bem. O lulav é identificado com a pessoa que age bem mesmo sem reflexão nem conhecimento, o hadas com quem se aprofunda e compreende mas não age, e a aravá com a suposta pessoa que nem reflete nem age.



Gostaria de discordar e propor outra interpretação menos divulgada.

Difícilmente encontraremos alguém que sempre sabe tudo e faz tudo. Kohelet, a meguilá que se lê justamente em Sucot sustenta que essa pessoa não existe! É difícil encontrar alguém que sempre faz bem e nunca pensa mal ou que sempre pensa bem mas não faz absolutamente nada. Mais difícil ainda imaginar que alguém nunca pensou e nunca realizou algo bom. Somente um olhar estereotipado e estereotipador poderá sustentar essa visão destrutiva e paralisadora.

Cada um de nós é as quatro espécies, segundo outra visão. Todos às vezes pensamos melhor ou mais e outras pior ou menos. Todos às vezes agimos bem e outras não tão bem; algumas vezes agimos após pensar e outras, impulsivamente. Todos às vezes ficamos na mesmice, sem aprofundar nem revisitar ideias e sem agir em qualquer direção.

A mitsvá ritual de unir as quatro espécies não pretende perpetuar dicotomias e supremacias entre os melhores e os piores que simplesmente convivem juntos numa comunidade que nada exige de ninguém pois fechou e carimbou os perfis de todos. Pelo contrário, a união das espécies indicaria a consciência da fraqueza e da força potencial de todos. Assim, cada um estaria disposto a aceitar e perdoar melhor os momentos de fraqueza dos outros e lutaria consigo mesmo ao identificá-los no seu interior, a fim de se aprimorar.



Visitar e acolher

Sucot é a festa das visitas e dos acolhimentos. A sucá mesmo que precária deve ser acolhedora e estar o mais aberta possível. Segundo a tradição, a qualidade de uma sucá se mede em função de suas aberturas: quanto mais porta e menos parede, melhor sucá. A sucá mais acolhedora ganha o nome de sucat avraham avinu, a sucá do primeiro hebreu, caracterizado por cumprir apenas uma mitsvá, sem rituais: acolher! Também ganha a visita dos ushpizin, visitantes de épocas passadas, com cuja presença nos dizem “se alguém de outra época pode se sentir em casa na sua suca, tanto mais deveria poder se sentir acolhida qualquer pessoa contemporânea”.

Sugiro significar que a suca representa as pessoas. Saber acolher as narrativas dos outros, suas ideias, seus sonhos, suas virtudes, seus defeitos, seus temores, seus fracassos, suas tristezas e suas alegrias, é o grande desafio. Sucot, dizíamos também a festa das visitas. Saber visitar a vida dos outros sem invadir, sem julgar, sem impor é outra das propostas da sucá.



Escolher emoções

Uma das mitsvot mais emblemáticas da festa de sucot é: “vessamachta bechaguecha” - estar alegre e feliz. Como se tivéssemos a capacidade de escolher emoções ou ao menos sua administração e expressão e fossemos responsáveis por achar sempre a melhor forma de sentir e dizer o que sentimos.

Conclusão

Reunindo tudo poderíamos concluir que Sucot nos propõe escolher sentir a afinidade que temos com as forças e fraquezas de todos, para poder acolher nas nossas vidas as vidas de todos com generosidade de espírito e merecer um lugar aconchegante e inspirador na vida dos que estão à nossa volta.

Chag sameach!